BENTO, Berenice. 2017. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 329 pp.

Alisson Machado
POSCOM/UFSM
machado.alim@gmail.com

Berenice Bento poderia ser uma Alice travesti que não se contenta em atravessar o espelho ou comer um pedaço do bolo para mudar de tamanho. Para ela, pensar o gênero como metáfora de um espelho – como sinônimo de mulheres; ou da diferença cultural entre "homens" e "mulheres" baseada na distinção entre os "sexos" – não basta para destituir os reis e rainhas que insistem em pintar os jardins das mesmas cores e que autorizam que cortem as cabeças (sem metáfora) de nossas populações trans e travestis, diariamente. Da mesma forma, para essa Alice, não basta reproduzir os saberes estrangeiros, distantes demais de nossas realidades precarizadas e purpurinadas. Ela é antropofágica: transa o *queer,* parindo estudos transviados. Estudos que atentam às realidades brasileiras e latino-americanas, percebendo os resquícios políticos mais cruéis de nosso passado; a saber, nossa herança escravocrata e ditatorial, que ainda conforma o caleidoscópio vivo no qual quem não se adequa às cisheteronormatividades raciais vigentes insiste em viver.

Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos reúne entrevistas e textos, alguns inéditos, em diversos formatos, que demarcam a atuação intelectual e política de Berenice Bento ao longo dos últimos dez anos. O livro reúne seis tipos de textos: comunicações, entrevistas, artigos de opinião, ensaios, apresentações de livros e resenhas. Conforme a autora, os textos apresentados são formas não de sua produção acadêmica, mas atuações políticas, porque não pode haver separação da teoria e da prática, do gesto e da palavra. Ela recusa identificações coesas, bem como recusa dançar conforme os determinismos acadêmicos, alertando para o quão tentador pode ser "trocar um determinismo (de classe) por outro (de gênero)" (: 23). Esses escritos desfazem os mitos acadêmicos que insistem em prejulgar os estudos transviados, acusando-os de atenção demasiada às agências e às éticas isoladas do corpo e mostram que, para entender esse caleidoscópio, é preciso olhar as interseccionalidades, os cruzamentos dos múltiplos marcadores sociais das diferenças que definem as fronteiras entre o normal e o patológico.

Em *Comunicações,* que reúne oito textos apresentados em conferências e seminários nacionais e internacionais, a autora demonstra como o gênero e a sexualidade aparecem nos discursos ocidentais hegemônicos como armas que legitimam guerras internas e externas, asseverando que, para isso, contribui o fato de que "o universalismo científico e o pensamento colonial têm um profundo parentesco" (: 30). O argumento que atravessa essas comunicações é a necessidade de revisão das práticas e silêncios acadêmicos, de desconfiar dos conceitos referenciados na binariedade e na universalidade, bem como das metodologias de pesquisa autocentradas que pouco servem "para entender as fissuras, as diferenças, as exclusões sobrepostas de sujeitos que sempre ficaram fora do projeto de nação" (: 48). Fora dessas fronteiras, habitam @s transviad@s, esses não-sujeitos, corpos tornados abjetos, para cujo viver não há formas de reconhecimento sem luta. Essas ações irrefletidas e naturalizadas contribuem para a manutenção de epistemologias violentas, que reproduzem as invisibilidades e mantêm intactas as estruturas da vergonha e da subalternidade que forjam as subjetividades de quem não quer ou não pode viver ajustado às normas.

A segunda parte do livro é composta por quatro *Entrevistas,* duas delas publicadas na *Revista do Instituto Humanitas* (Unisinos), uma publicada na ÁSKESIS, Revista dos(as) Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, e outra concedida a Diego Madi Dias, em 2013, em Paris. Nas *Entrevistas,* estão localizadas as possibilidades de compreender as reflexões de um percurso teórico e autoral, sem cair nas armadilhas de uma retórica que celebra sua própria individualidade ou que se vê presa a um conceito quando ele pouco parece revelar do mundo social. É o caso do próprio conceito de gênero, quando paralisa as formas de reflexão ou autoriza práticas sociais de manutenção das violências. Aqui, Bento nos faz pensar que é preciso "lutar pela abolição do gênero, esvaziá-lo de seu caráter opressor" (: 155). Nessas respostas, ainda é possível encontrar pistas de quem já fez o caminho: atentar a um olhar sensível às partilhas do Outro, ao cuidado com o texto acadêmico, demasiadamente domesticado (: 142) e compreender possíveis chaves de inteligibilidade, tais como enumera: "1) negação da identidade como uma essência; 2) o combate ao suposto binarismo identitário; 3) a interpretação do corpo como um lugar de combate e disputas" (: 133).

Os *Artigos de opinião* reúnem quinze textos menores, publicados em veículos jornalísticos como *Correio Brasiliense, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Jornal de Brasília* e nos sites do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos

(CLAM) e Estado Laico RJ. Esses escritos comprovam as disputas de poder em torno de temas correlacionados ao gênero e à sexualidade. Recebem especial destaque as reflexões sobre as demandas da transcidadania, como os debates públicos sobre identidade de gênero, sobre “o processo transexualizador” no SUS, a PL 72/2007, que dispõe sobre o pré-nome de pessoas transexuais em seus documentos e a falta de legitimidade científica do DSM e dos mecanismos médico-jurídicos que insistem na patologização das transidentidades. Entretanto, como “queer” também diz respeito às sociorealidades mais gerais, são nesses textos que a autora trava batalhas cotidianas com muitos dos pensamentos conservadores e regressistas, em nível nacional e internacional, como o falso projeto de cordialidade à brasileira, a xenofobia contra nordestinos, os crimes contra a humanidade praticados em Israel, o feminicídio, a homofobia e a falsa disjunção “entre violência física e simbólica” (: 202) que atravessa desde a publicidade até a formulação de políticas educacionais cisheterossexualizadas, precárias ou punitivas.

Os três *Ensaios,* publicados na *Revista Cult* entre 2014 e 2015, podem ser lidos de forma conectada como um exercício de reflexão teórico-metodológico. O caso de Verônica Bolina, modelo trans agredida e torturada sob tutela do Estado, em abril de 2015, em São Paulo, comprova que a transfobia e o transfeminicídio fazem parte de uma matriz racional brasileira, ao que ela chama de “heteroterrorismo reiterado” (: 248). Bento afirma que essa matriz é assegurada por posições políticas que revisitam e autorizam os determinismos de raça e classe, afinal, Verônica é negra e mulher trans, vitimada por processos que identificam o feminino como algo poluidor e contaminador que precisa ser constantemente vigiado e controlado.

Em *Apresentações de livros,* Bento aprecia os empenhos reflexivos de Leandro Colling (2015), Flávia Teixeira (2013), Arim do Bem (2013), Jorge Leite Júnior (2011) e Larissa Pelúcio (2009), atestando que “o giro decolonial transviado está em pleno curso” (: 254). Em coro, esses(as) autores(as) nacionais conclamam: é preciso olhar o Sul Global, as lesbotransbichas daqui de perto e transviadecer os estudos *queer,* tal qual faz Bento ao criticar o pensamento individualista de Paul Preciado: “Não basta ser viciada em testosterona. Muito antes da farmacopornografia, nossas trans já faziam dos seus corpos o protocolo de resistência e atualizavam uma estética da existência revolucionária” (: 265). Cada texto, de forma singular, enfatiza alguns aspectos da vida política dos corpos invisibilizados ou tornados abjetos pela norma branca, cis e heterossexual, mas testam também a força dos despossuídos, as agências e resistências cotidianas, o tecido social e suas hierarquias, geridos na

e pela experiência sociocorporificada das dissidências. Sem cair nas armadilhas da determinação, a autora dialoga com disciplinas canônicas, como a biologia e as ciências psi, demarcando que as regulações do gênero sempre carregam uma demanda moral, portanto, são formas reguladoras do viver.

Ao final do volume, nas duas *Resenhas,* Bento apresenta uma mirada crítica a duas obras publicadas. Inquere os achados empíricos e as reflexões sobre saúde, corpo, AIDS e cultura, de Pedro Gomes Pereira (2014), no livro *De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos,* para argumentar contra as concepções limitantes de um tipo de fabulação científica baseada no fetichismo da objetividade e da neutralidade que se limita apenas a convencer a si mesma de suas próprias formulações. Contra essa teoria-falatório, indica que a pessoa pesquisadora também é *xamã,* que também realiza a passagem, que se ocupa de um corpo cognoscente frente à experiência partilhada e a empreitada teórica. Ambos realizando um tipo de travessia, cujos caminhos nem sempre são evidentes ou não conduzem a respostas facilmente encontráveis.

Ao comentar a coletânea de artigos *A construção dos corpos: perspectivas feministas,* organizada por Cristina Stevens e Tania Swain (2008), Bento compartilha com as autoras a noção de corpo-projeto, devir que sinaliza que "nenhuma identidade sexual e de gênero é absolutamente autônoma, autêntica, original, facilmente assumida ou isolada" (: 329) e ainda descortina alguns limites dessas noções. É na fricção com o pensamento teórico estabelecido, inclusive dentro dos estudos de gênero, que a autora afirma: "Gênero não é a dimensão da cultura por meio da qual o sexo se expressa, conforme afirma Heleieth [Saffioti], pois não existe "sexo" como um dado pré-discursivo" (: 321). Diálogo levado adiante, tessitura em processo, o debate crítico com autoras que são referência dos estudos de gênero no Brasil aponta mais do que uma pluralidade de concepções possíveis, e atesta que somente o exame das certezas estabelecidas pode convergir nas perguntas decisivas frente aos sistemas de saber/poder que normatizam os corpos e as subjetivas humanas.

A reunião desses textos perfaz reflexões acadêmicas e ativistas tanto necessárias quanto urgentes. Teoria que medita sobre si para tornar críticos os caminhos. Pensamento que propõe brechas analíticas e posturas críticas aos projetos anti-igualitários e colonizadores da modernidade, em seu constante trabalho de assepsia do mundo e de aniquilamento das diferenças. Convite a epistemologias antirrecalque, da desobediência e do barraco, *convite maroto às éticas maricas.* Políticas de um corpo singular, embora não individualista, mas que se forja nas multidões, nos deslocamentos e às margens. Teoria que desfaz as armadilhas das políticas identitárias coesas, as ilusões

dos esquemas analíticos dicotômicos e os imperativos taxativos do mercado autoritário. Caminhos tornados apostas à reflexão/construção de uma democracia cuja condição indispensável é o reconhecimento das diferenças no interior das próprias condições compartilhadas da existência social: projeto este próprio de uma democracia transviada. O livro é um BAFO.

Recebido: 02/10/2018
Aprovado: 15/10/2018